

# **AMIZADE E ACOLHIMENTO: UMA VIAGEM DE EXPERIÊNCIA NO TERRITÓRIO AFRICANO**

*Fernanda Helena Fedrigo*

**20 de Agosto a 01 de Setembro de 2013**

**Países: Zâmbia e Zimbabwe**

Viajar é um valor para mim. Atribuo isso à escolha da minha profissão e, provavelmente, às possíveis experiências em vidas passadas. A escolha pela faculdade de Turismo, quando eu estava na oitava série, foi um fato significativo e decisivo na minha vida. Eu lembro exatamente do momento da escolha que foi seguida de um *déjà-vu*. Minha prima prestava vestibular na época e estava sentada no sofá da sala, cercada de apostilas e materiais do Colégio Positivo. Lembro que tinham vários papéis e alguns folderes que falavam dos diferentes cursos de graduação, uma espécie de guia de profissões para ajudar os alunos a escolherem a área de atuação e em quais cidades ofereciam o curso naquela área. Comecei a ler alguns materiais e quando eu li o descritivo do curso de turismo, imediatamente falei, esta é a faculdade que eu quero fazer. Logo após eu tive a sensação de *déjà-vu*, e a cena está gravada em minha memória até hoje. Passados três anos, foi o que aconteceu, eu não mudei de ideia e, após concluir o Segundo

Grau, eu iniciei a faculdade de Turismo, ano de 1998, razão pela qual eu mudei para Foz do Iguaçu. Eu lembro que o fato do turismo trabalhar para o intercâmbio e o respeito entre os povos, além da valorização da cultura local, foram os aspectos que mais chamaram a minha atenção na escolha desta profissão.

A África sempre esteve na minha *vip list travel*. Lembro do dia que um amigo espírita me disse: “Fer, tive um sonho muito real com você, eu te vi na África cuidando de muitas crianças”. Eu respondi, “Ah, eu gostaria, me vejo fazendo isso um dia”. Desde então, sempre fiquei de olho em intercâmbios de serviços voluntários para a África, mas o trabalho sempre foi uma prioridade e nunca dediquei tempo para concretizar esta ideia. Até que um dia, surgiu a oportunidade de viajar para este continente. O instituto onde trabalho, era na época um membro afiliado da Organização Mundial do Turismo (OMT). Como membro afiliado, havia uma obrigatoriedade de participar das assembleias gerais, além dos encontros anuais dos membros afiliados. A cada ano, a assembleia era realizada em um país diferente, e naquele ano o local escolhido tinha uma particularidade, pela primeira vez a assembleia geral não aconteceria em um país, mais em dois – Zâmbia e Zimbábue. Ambos países são ex-colônias britânicas.

As matérias veiculadas em jornais locais na época traziam todo o entusiasmo que o evento levava ao continente: “*Em uma demonstração inédita de cooperação, dois países africanos sem litoral, divididos por uma fronteira que atravessa um dos mais espetaculares patrimônios*”

*naturais do mundo deixaram de lado suas formalidades fronteiriças para facilitar o que se tornou, indiscutivelmente, a primeira viagem sem fronteiras do mundo em uma convenção de turismo. Entre os dias 24 e 29 de agosto, os delegados que participaram da 20ª Assembleia Geral da Organização Mundial de Turismo da Organização das Nações Unidas puderam transitar livremente entre Zimbábue e Zâmbia, percorrendo os cerca de 15 hotéis nas proximidades das espetaculares Cataratas Vitória. Foi uma experiência, observar guardas de fronteira uniformizados conduzir os veículos através de portões abertos”. Disse o secretário-geral da OMT, Dr. Taleb Rifai, “a história foi feita nesta parte da África”<sup>1</sup>.*

O continente africano é imenso, e o fato do evento se realizar em um local com uma situação geográfica similar à Foz do Iguaçu, onde um patrimônio mundial reconhecido pela Unesco também está entre dois países, Brasil e Argentina, e este patrimônio também ser as Cataratas, me chamou muito a atenção.

*Ainda em matérias de jornais locais, “As Cataratas Vitória, um Patrimônio Mundial da UNESCO, é um dos pontos turísticos mais impressionantes do mundo. A fronteira Zimbábue-Zâmbia atravessa a garganta de 108 metros de profundidade, compartilhada por dois parques nacionais - o Parque Nacional Mosi-Oa-Tunya, no lado de Zâmbia, e o Parque das Cataratas Vitória, no Zimbábue. A escolha deste como o melhor local para hospedar a Assembleia Geral foi projetada para enviar uma mensagem clara sobre o futuro do turismo na África. A estratégia funcionou. A primeira Assembleia Geral já realizada na*

*África Austral gerou a maior participação na história da OMT, com mais de 700 delegados de 112 países”. Disse o Dr. Rifai, “As poderosas Cataratas Vitória são um pano de fundo inspirador para celebrar esses marcos, reafirmar nosso compromisso de colocar o turismo nas agendas políticas e econômicas e garantir que cooperemos cada vez mais para promover políticas que assegurem o crescimento sustentável e inclusivo do turismo”<sup>2</sup>.*

Estar inserida neste contexto e ter a experiência de participar de uma assembleia dentro de uma organização da ONU foi um excelente laboratório para ampliar as ideias sobre universalismo e Estado Mundial. Nesta edição da assembleia, os dois principais assuntos de discussão foram a facilitação de vistos e o aumento da conectividade aérea. Conversar e interagir com pessoas de diferentes partes do mundo reunidas em um único local foi uma grande oportunidade. Na ocasião, eu fiz a entrega ao Ministro de Turismo do Zimbabwe de um livro de Foz do Iguaçu, e também realizei a divulgação do 2º Fórum Mundial de Desenvolvimento Econômico Local - “Diálogo entre Territórios: outras visões do Desenvolvimento Econômico Local” que seria realizado em Foz, no período de 29 de outubro a 1º de novembro. Este evento é uma iniciativa do Programa das Nações Unidas (PNUD) e busca fazer um meio termo entre o Fórum Econômico Mundial e o Fórum Social Mundial. Este evento tem uma forte relação com o meu trabalho atual e do meu duplista. É onde penso estar uma conexão das nossas proéxis como dupla evolutiva nesta vida.



Assembleia Geral



Entrega de material de Foz do Iguaçu ao Ministro do Turismo do Zimbabwe

Um fato marcante, ou talvez uma sincronicidade durante a viagem, foi a matéria enviada pelo meu namorado na época e atual duplista, Dimas Braganolo, falando da história da voluntária e verbe-tógrafa da Conscienciologia, Giuliana Vieira da Costa, que comparti-lhava sua retrocognição da personalidade Emily Hobhouse, a qual teve sua história de vida muito ligada ao continente africano, especialmente à África do Sul <sup>3</sup>.

Em pesquisa, encontrei o seguinte relato: “Em 1899, Emily Hobhouse foi nomeada secretária do Comitê de Conciliação da África do Sul, um grupo que se opunha à política do governo britânico em relação à África do Sul. Hobhouse foi uma humanista e pacifista que veio visitar a África do Sul em dezembro de 1900, durante a Guerra Anglo-Boer. Hobhouse organizou uma reunião em massa em Londres, em junho do mesmo ano de 1900, onde as mulheres protestaram contra as ações do exército britânico na África do Sul. Três meses depois, ela fundou o Fundo Sul-Africano para Mulheres e Crianças para arrecadar dinheiro para as famílias bôeres” <sup>4</sup>.

Fiquei impactada com esta notícia e imediatamente comecei a pensar “por que, e/ou, o que eu estou fazendo aqui?” – Zâmbia e Zimbábue não são lugares “comuns” em termos turísticos. E comecei a listar os países que conhecia, como um fio condutor para estudar vidas passadas. Desde então, minha relação e percepção nas viagens mudou, passei a ficar mais atenta e a registrar as percepções, sincronicidades, além de estudar previamente a história de cada lugar visitado. Esta prática tem me ajudado a construir hipóteses de vidas passadas e res-

significou o ato de viajar para mim. Além da história da Giuliana ter servido como um estímulo e uma motivação ao estudo de vidas passadas, me ajudou a perceber a importância da retrocognição para a melhor compreensão da minha condição atual e, principalmente, para o desenvolvimento da minha proéxis.

Outro aspecto interessante da viagem foi a amizade com o Sr. Guy Apan Johnson, representante da República do Benim, um país que eu nunca tinha ouvido falar. Sentamos lado a lado na reunião da OMT, depois descobrimos que estávamos no mesmo hotel, e na mesma *van* que fez o primeiro passeio, além de sentarmos juntos no jantar de abertura do evento. Durante todo o nosso tempo juntos, conversamos muito, como velhos e bons amigos.



Cerimônia de Abertura



Reunião dos membros afiliados com Sr. Guy Apan Johnson

Como curiosidade, durante a pesquisa para escrever o artigo, encontrei várias fontes falando da relação entre o Brasil e a República do Benim, dentre elas, no site da Fundação Palmares traz “Grande parte dos afrodescendentes brasileiros vem do Benin, que também é o berço do candomblé. Ainda hoje, em Porto Novo, capital do país africano, existe uma comunidade de afro-brasileiros – os Agudás – descendentes dos últimos escravos vindos do Benin para Salvador, pouco antes da Abolição da Escravatura, e que puderam voltar para a África. Sem se sentirem africanos ou brasileiros, formaram essa nova comunidade e passaram a cultivar um misto entre a cultura de origem e a construída no Brasil”<sup>5</sup>. Talvez isso explique um pouco da relação de amizade que foi estabelecida por mim e o Sr. Guy Johnson.



Desde que cheguei no continente africano, me senti em casa, o clima, a paisagem, as pessoas e a comida. Com exceção desta “iguaria” para os zambianos e zimbauenses, esta larva que experimentei, a comida nestes países é muito similar à comida brasileira, muita salada e frutas tropicais.



Prato de comidas típicas oferecido durante o evento



A iguaria - Larvas mopanes<sup>6</sup>

Uma das primeiras experiências ao chegar no continente africano, foi a decisão de ir sozinha de ônibus de Lusaka para Livingstone. Nesta ocasião, acredito que possa ter dado um trabalho extra para os meus amparadores. Meu voo chegaria em Lusaka, Capital da Zâmbia, porém o evento aconteceria em Livingstone, então, decidi que iria de ônibus, pois eram apenas 478 km de distância e, assim, teria a oportunidade de conhecer melhor o país. No hotel que fiquei hospedada em Lusaka, ocorreu um problema com a minha reserva, não a estavam encontrando, no entanto, a recepcionista era uma brasileira de Belém do Pará, ela ficou muito feliz por encontrar alguém do Brasil e foi bastante disponível em me ajudar e, então, rapidamente ela resolveu o problema da reserva. No dia seguinte, quando pedi ao taxista para me levar na rodoviária local, percebi um certo incômodo da parte dele. Quando chegamos à Rodoviária, ele desembarcou do táxi e falou que me acompanharia na compra da passagem. Quando cheguei na Rodoviária, tive um choque de realidade, a Rodoviária era de chão batido, sem infraestrutura mínima, bastante precária. Ele pediu que eu ficasse num lugar ao lado da minha mala e que não saísse dali, pediu o dinheiro e foi comprar minha passagem. Enquanto esperava, comecei a observar o cenário ao meu redor. Centenas de pessoas, ambiente precário de limpeza, conforto e higiene. Uma senhora, com roupas típicas, coloridas, me observava como que percebendo a situação e a minha cara de preocupada. Esta senhora sorriu, eu retribuí o sorriso e já começamos a conversar. Pronto, ali estava minha amparadora intrafísica, que me acompanhou durante toda a viagem. Eu era como um extraterreste naquele lugar, a única pessoa de cor branca, então

logo chamei a atenção de todos que me olhavam de canto de olho. O motorista do táxi voltou com a minha passagem e me deu recomendações de segurança para a viagem. Então, percebi que esta não tinha sido uma boa ideia. Apesar de todo o contexto, eu tinha um sentimento de alegria e de retorno à casa. Minha “amparadora” intrafísica me acolheu, entrou no ônibus comigo, me colocou para sentar ao lado dela e insistiu para colocar minha mala no ônibus, depois eu entendi porquê.

A simples tarefa de colocar a mala no bagageiro do ônibus era uma verdadeira odisséia. Empurra-empurra, calor, sem qualquer organização, todos tentavam de qualquer maneira fazer caber a mala e tudo mais que carregavam para a viagem. Tirei a foto de dentro do ônibus, observando a cena e vendo minha amparadora bravamente tentando colocar minha mala no ônibus. A viagem foi tranquila e pude conhecer um pouco mais da realidade daquele país, por meio desta senhora que me acolheu, além de interagir com outras pessoas dentro do ônibus, afinal, foram sete horas de viagem.



Embarque da viagem Lusaka/Livingstone



Encontro no meu último dia em Livingstone com minha amparadora intrafísica

Enfim, cheguei a Livingstone. A cidade tem como uma das suas figuras ilustres o missionário e médico escocês David Livingstone. Ele está para a Zâmbia assim como Santos Dumont está para Foz do Iguaçu, foi o “pai” do Parque Nacional deles, quem “descobriu” e batizou as Cataratas de Vitória, em homenagem à Rainha da Inglaterra na época. Eu me lembro de ter ficado curiosa e parada durante um bom tempo em frente à estátua dele durante a visita ao Parque Nacional Mosi-aotunya, onde estão as Cataratas de Vitória. Hoje, acredito que o personagem pode ter provocado alguma lembrança que não tinha lucidez na época para compreender. Dentre as possíveis conexões que posso fazer com esta personalidade é o fato da sua nacionalidade ser escocesa. A Escócia é mais um país fora do roteiro turístico que conheci,

e pelo qual tive e tenho bastante afinidade, além dele ser protestante e ter lutado contra a escravatura, temas com os quais eu me afinizo.



Estátua de David Livingstone

No meu segundo dia em Livingstone, fiz o *transfer* para Zimbabwe, local do hotel oficial do evento, para retirar as credenciais. Logo fiz amizade com o motorista da *van* e com duas mulheres que eram da organização do evento. Era final do dia quando eles me deixaram no

hotel e não conseguíamos parar de conversar, então eles me convidaram para conhecer a cidade e eu aceitei o convite. Eles me levaram para conhecer bares, restaurantes e boates de Livingstone, dançamos e nos divertimos a noite toda. Foi uma experiência interessante, estar inserida em outra cultura, mas ao mesmo tempo muito similar ao Brasil pela musicalidade e alegria das pessoas. Com esta experiência eu tive uma ideia mais real de como vivia a população, pois todos os lugares visitados não eram turísticos, mas frequentados apenas por moradores locais. Lembro que passei o tempo todo sendo chamada pelas pessoas de *Mzungu*. Segundo a Wikipedia (pronuncia-se [m'zuŋgu]) é um termo de língua banto utilizado na região dos Grandes Lagos Africanos para designar pessoas de ascendência europeia. É uma expressão comumente usada entre os povos Bantu no Quênia, Tanzânia, Malawi, Ruanda, Burundi, Uganda, República Democrática do Congo, Comores, Mayotte e Zâmbia, que remonta ao Século XVIII. Literalmente traduzido significa "alguém que vagueia" ou "andarilho". O termo agora é usado para se referir a "alguém com pele branca" ou "pele branca". E foi exatamente o que eles me explicaram quando perguntei porque as pessoas me chamavam de *Mzungu*, eu era a única pessoa branca em absolutamente todos os lugares que passamos naquela noite. Atribuo em parte a vivência desta experiência, à minha atitude neofílica, característica do meu comportamento durante as viagens, onde, tomada a devida precaução em termos de segurança, esta atitude me ajuda a fazer novas amizades e aprofundar na cultura de cada lugar.

Com esta experiência juntos, o vínculo com estas três pessoas se estreitou e foi fundamental para toda minha experiência nesta viagem. Ganhei outros três amparadores intrafísicos. Com a amizade destas três pessoas, pude conhecer um pouco mais da realidade, coisa de turismo, que tem interesse de conhecer como vivem as pessoas do local, o que me rendeu visitas ao supermercado, restaurantes populares e outros lugares normalmente frequentados apenas pelos locais, além de longas conversas sobre política, costumes locais, emprego, renda e todas as curiosidades que eu tinha sobre cada país. Eles me acompanharam até o final da viagem, e fizeram questão de irem até o aeroporto e esperar o voo comigo.



Primeiro encontro – visita à ponte que liga a Zâmbia e o Zimbábue



Despedida no Aeroporto





Outra experiência significativa durante esta viagem para a África foi a participação em um evento paralelo da OMT. Fui convidada por um membro afiliado de uma instituição de ensino de Barcelona, que também me acolheu durante o evento. No evento, estaria a primeira dama do Zimbábue e algumas autoridades da China. Fomos de carro até o evento e saímos do centro da cidade, passamos por alguns bairros onde pude ver a pobreza e a falta de estrutura nos arredores da cidade. O evento da OMT, foi num hotel *resort*, verdadeiras bolhas dentro das cidades. Se você transitar só nos locais turísticos, jamais vai saber como é o lugar.

No evento, estavam as autoridades discursando, eu tentei sair de fininho e andar pelo ambiente porque me chamou atenção um grupo de crianças que estavam do outro lado do pátio da escola. Cheguei até elas, que estavam todas de uniforme, sérias, fechadas, e para chamar a atenção, peguei a máquina fotográfica. Logo um menino se aproximou, sentou ao meu lado e não saiu mais. Pedi se podia fotografá-las, elas permitiram, mas estavam tímidas, então passei a máquina para o menino ao meu lado, que era muito esperto e por quem eu senti uma forte conexão. Logo as crianças se soltaram e começaram a brincar e a rir. Foi um momento cheio de boas energias, minha vontade era de ficar lá, até que meu amigo que havia me convidado me sinalizou para que eu fosse ver as apresentações culturais que iriam começar do outro lado do pátio. Me despedi das crianças e segui no evento.



Momento de descontração com as crianças



O carro que nos buscava demorou para chegar, o evento acabou e havia pouca gente na escola, as crianças voltaram para as salas de aula e eu estava conversando com algumas pessoas, olhando de longe a biblioteca que havia sido doada. De repente, chega alguém do meu lado e pega na minha mão. Era o Joni, ele segurou forte a minha mão, o mesmo menino que ficou tirando fotografias com a minha máquina. Neste momento, a minha vontade era de pegar aquele menino e trazer comigo. Ele esperou até a chegada do carro que viria nos buscar para levar de volta ao hotel. Não teve como não lembrar do “sonho” do meu amigo espírita.



Eu e meu amigo Joni

Estas foram as experiências mais significativas nesta minha primeira viagem para a África, e com certeza uma das viagens mais marcantes da minha vida. Além das experiências de vivência com a natureza selvagem por meio dos passeios de Safari, Lion Walk e passeio de elefante, onde hoje eu percebo que me expus a um risco, especialmente na atividade de *Lion Walk* e o passeio de elefante. O risco de um acidente de percurso em atividades como esta é bastante grande, pode representar uma oportunidade para os assediadores, além da dúvida da seriedade dos trabalhos realizados nas unidades de conservação onde as atividades são realizadas. Os passeios têm a finalidade de arrecadar recursos a programas de reabilitação destes animais a fim de conservar a espécie, porém hoje questiono o quanto estas atividades podem ser prejudiciais a estes animais.

Sigo com este continente no meu “radar”, espero em breve retornar ao continente africano para buscar mais informações dentro da minha autopesquisa e entender melhor as sincronidades que seguem acontecendo relacionadas à África.

## **CONCLUSÃO:**

Viajar para estes países potencializou para mim o acesso a informações de vidas passadas, levantando hipóteses de possíveis vidas e passagens por este continente. O registro das experiências foi fundamental para construção do “quebra-cabeças” de vidas sucessivas e tem me deixado mais atenta aos temas ligados a este continente. Opor-

tunizou criar novas associações de ideias dentro atual trabalho que realizo, principalmente, o projeto ligado à inclusão de jovens de baixa renda no mercado de trabalho que pode ser um preparo para projetos futuros ou resgate de experiências passadas.

A percepção das energias nos diferentes ambientes visitados foi um exercício excelente para ampliação das minhas parapercepções, afinização com os amparadores, além do forte contato com as bioenergias. A imersão no idioma e na cultura de outro país foi enriquecedor, agregou conhecimento, trouxe maior abertismo consciencial, maior respeito e compreensão das diferenças. A oportunidade de sair da minha zona de conforto me fez ganhar maturidade e maior desapego, além de reforçar a minha relação com este continente, onde prevaleceu o sentimento de retorno para casa.

Foz do Iguaçu, 08 de julho de 2018.

### **REFERÊNCIA DAS CITAÇÕES:**

1. <https://www.travel-impact-newswire.com/2013/08/zambia-zimbabwe-launch-borderless-two-nations-one-convention-concept/>
2. <https://africa21digital.com/2017/05/31/mocambique-quer-cooperacao-brasileira-na-area-do-turismo/>
3. Personalidade Consecutiva e África - Giuliana Costa (Comunicons News)> <https://www.youtube.com/watch?v=zLwBijismNk>

4. <http://www.sahistory.org.za/people/emily-hobhouse>
5. <http://www.palmares.gov.br/archives/3885>
6. <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/culinaria/veja-preparacao-de-larvas-mopanes-iguarias-da-culinaria-africana,2affe48d6d6c310VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>

Fernanda Helena Fedrigo é bacharel em Turismo e bacharel Hotelaria pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, especialista em Ecoturismo, especialista em Dinâmica dos Grupos e MBA em Liderança e Desenvolvimento Territorial.

E-mail: [ferfedrigo@gmail.com](mailto:ferfedrigo@gmail.com)